

O Patrimônio Cultural de Garopaba (SC) na percepção dos professores da rede pública municipal de ensino

Viegas Fernandes da Costa¹

Resumo: O município de Garopaba apresentou profundas alterações demográficas entre 1990 e 2010. No período a população dobrou e novos elementos étnicos incorporaram-se ao território, transformando a paisagem e a organização social local. A vila de pescadores tradicionais, de ascendência açoriana e africana, dá lugar a uma população recentemente migrada e que trouxe consigo referências culturais diversas e processos de gentrificação (cf. conceito de Margarita Barreto, 2007). Esta nova realidade social pressiona o patrimônio cultural local. As comunidades tradicionais de pescadores, quilombolas e agricultores são tensionados pelo discurso da modernidade. A especulação imobiliária e o avanço das atividades econômicas contemporâneas coloca em risco a existência de antigas edificações e unidades produtivas tradicionais, como os engenhos de farinha e serrarias, bem como os saberes a estas relacionados. A mesma pressão age sobre o patrimônio paisagístico e os 5 sítios arqueológicos registrados no CNSA/IPHAN. Com o objetivo de promover atividades de educação patrimonial, foi realizada esta pesquisa junto aos professores da rede municipal por meio de questionário, a fim de identificar a percepção dos educadores a respeito do patrimônio cultural local. O universo pesquisado é censitário, e os resultados demonstram as dificuldades dos educadores de identificar e reconhecer o patrimônio cultural local. A base teórica para a pesquisa são os textos de LARAIA(1986) e FUNARI, PELEGRINI(2006).

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Garopaba, Educação Patrimonial.

Introdução

O município de Garopaba está localizado no litoral sul de Santa Catarina e possui, segundo dados do Censo do IBGE de 2010, pouco mais de 18 mil habitantes. O número surpreende se contrastado com os dados de 1991, que indicavam uma população de 9.918 habitantes. Ou seja, em 19 anos o número de habitantes do município praticamente dobrou. Esta tendência de vertiginoso crescimento demográfico verifica-se a partir da década de 1980, quando o município torna-se referência para a prática do surf e começa a receber pessoas identificadas com movimentos da contracultura, provindas principalmente do Rio Grande do Sul (SPEROTTO, 2011).

O intenso crescimento populacional alterou profundamente a paisagem do município, em seus aspectos físicos, urbanos, identitários e de organização social e econômica. De pequena cidade dedicada à pesca artesanal, à agricultura e ao extrativismo da madeira,

¹ Licenciado em História e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional de Universidade Regional de Blumenau (PPGDR/FURB). Professor de História no Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC). E-mail: viegas.costa@ifsc.edu.br

Garopaba transformou-se em importante balneário turístico e polo de atração populacional. Sua malha urbana passou a se expandir horizontalmente (o Plano Diretor impede a expansão vertical), avançando sobre áreas até então ocupadas por pastagens e cobertura florestal, e seu centro histórico, antiga armação baleeira em torno da qual se espalhou a antiga vila de pescadores com seu casario de influência açoriana e ruas estreitas, vê-se alvo do processo de gentrificação.

Segundo BARRETO (2007), a reestruturação espacial promovida pelo processo de gentrificação, ao tornar o centro da cidade atrativo ao turismo, significa também forte valorização imobiliária e consequente pressão sobre os moradores ligados à história local, resultando na retirada destes moradores e na maior exposição das desigualdades sociais. Este fenômeno é fortemente percebido no município de Garopaba, onde a pressão sobre os ranchos de pesca tradicionais torna-se cada vez maior. Na praia central, os pescadores tradicionais ainda existentes disputam espaço com os turistas, e suas casas vão se tornando cada vez mais raras e substituídas por pousadas e estabelecimentos comerciais.

Também a paisagem alterou-se drasticamente. Espaços centrais como o Morro da Vigia, que até a década de 1970 estava completamente isento de equipamentos urbanos e edificações, atualmente encontra-se densamente ocupado por moradias de alto padrão.

Para além das transformações da paisagem urbana, estão as alterações da paisagem cultural. Saberes e fazeres ligados à ocupação açoriana, e às respostas desta aos desafios locais, vão perdendo espaço. Práticas comunitárias como a farinhada e a pesca artesanal da tainha, importantes elementos identitários, tornam-se cada vez menos comuns no cotidiano garopabense. A forte migração de pessoas, notadamente do Rio Grande do Sul, alterou radicalmente a dinâmica do sistema cultural local.

Conforme apontado por LARAIA (1986), a mudança cultural pode ser operada por dinâmicas internas e externas. No contexto específico de Garopaba, as dinâmicas externas, representadas neste caso pela explosão demográfica resultante não de um crescimento vegetativo, mas fundamentalmente do movimento migratório, promoveram uma rápida e intensa reconfiguração da paisagem cultural local a partir da década de 1980, resultando em uma espécie de ruptura entre o cotidiano e as referências simbólicas dos moradores antigos para com as populações recentes, muito mais numerosas, provocando uma espécie de desterritorialização da cultura tradicional.

Naquilo que tange ao patrimônio histórico e cultural² de Garopaba, a intensa e recente alteração da paisagem humana local e o processo de gentrificação podem significar a destruição de importantes marcos paisagísticos, simbólicos, bem como a eliminação de saberes, fazeres e sensibilidades tradicionais do município. Isto ocorre não tanto pela irrupção dos recentes elementos culturais exógenos, mas principalmente pela ausência de uma política municipal que garanta o debate permanente e a preservação efetiva do patrimônio cultural local, bem como a inexistência de equipamentos públicos culturais.

Garopaba não dispõe de uma Secretaria Municipal específica para a cultura³ e não possui arquivo histórico, museus ou qualquer outra instituição que discuta especificamente as questões pertinentes ao patrimônio histórico e cultural, salvo algumas iniciativas privadas e do terceiro setor. Também há escassa bibliografia referente à história do município, e a existente, produzida por memorialistas como BESEN (1996); VALENTIM (2005) e BITENCOURT⁴ (2005) tem circulação reduzida ou está fora de catálogo. Apenas recentemente foi publicado material didático de FARIAS, LUZ e NEU (2011) que trata dos aspectos históricos e geográficos voltado para os estudantes do município.

Este contexto impõe a necessidade de ações que promovam a preservação do patrimônio histórico e cultural e o reconhecimento e valorização pela população local deste patrimônio. Dentre estas ações, a educação patrimonial é estratégica, já que promove a “alfabetização cultural”, conforme GRUNBERG (2008), e constitui-se como “instrumento de motivação, individual e coletiva, para a prática da cidadania, o resgate da autoestima dos grupos culturais, e o estabelecimento de um diálogo enriquecedor entre as gerações” (BASTOS, 2007, p. 64).

A educação patrimonial compreende o ensino centrado nos bens culturais (evidências e manifestações de cultura), que propõe desenvolver com crianças e adultos, através da experiência e do contato direto, um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de suas heranças. (GRUNBERG, 2008, p. 37)

² Optou-se neste trabalho pelo conceito de Patrimônio Histórico e Cultural em sua dimensão individual e coletiva, e como resultado de operações seletivas e políticas, conforme apresentado por FUNARI e PELEGRINI (2006).

³ Na atual gestão municipal a pasta da Cultura integra a Secretaria da Educação. Em gestões anteriores integrava a Secretaria de Turismo. O município nunca dispôs de uma Secretaria ou Fundação Cultural exclusiva.

⁴ BITENCOURT desenvolve um importante trabalho, organizando e editando livros de autores locais, como os do poeta popular Mourisco, representante da literatura oral.

Assim, a educação patrimonial contribui significativamente para o exercício da cidadania cultural. SANTOS (2007, p. 157) escreve que “a relação da sociedade com o patrimônio cultural inclui também o exercício da cidadania, ou seja, direitos e deveres.” E ainda,

O processo de educação realizado com base na cultura da comunidade em que a escola está inserida fortalece o sentimento de identidade local e cria mecanismos para que essa comunidade busque alternativas para melhorar sua qualidade de vida. A comunidade se sente capaz de dialogar com o Estado para, juntamente com ele, criar condições de garantir os seus direitos, exercendo plenamente sua cidadania. E em todo esse processo que envolve educação e cultura, a comunidade pode também determinar que bens culturais devem ser eleitos como patrimônio cultural (...).” (SANTOS, 2007, p. 164).

É neste contexto que o Campus de Garopaba do Instituto Federal de Santa Catarina instituiu em 2013 a Comissão de Levantamento e Diagnóstico do Patrimônio Histórico e Cultural da região de sua abrangência. Esta Comissão, integrada pelos professores Viegas Fernandes da Costa, João Henrique Quoos e Juliani Walotek, entre outras ações, aplicou um questionário junto aos professores da rede municipal de Garopaba a fim de identificar qual a relação que estabelecem com o patrimônio cultural do município, qual a representação social que fazem dele (BASTOS, 2007), se há trabalhos de educação patrimonial sendo desenvolvidos nas escolas municipais e, no caso de uma resposta negativa, se existe o interesse na temática por parte dos docentes.

Nas seções subsequentes deste artigo, estaremos apresentando e discutindo a metodologia e os resultados verificados da aplicação deste questionário.

Metodologia e universo da pesquisa

O questionário foi aplicado no mês de março de 2014 aos professores da rede municipal de ensino de Garopaba. Das 21 unidades de ensino da rede municipal, a pesquisa envolveu 17, sendo que em 4 não se aplicou o questionário em razão da impossibilidade de se contatar o responsável pela unidade ou porque a escola não se encontrava em funcionamento no momento da visita. Existe a possibilidade, entretanto, de que os educadores destas escolas tenham também respondido ao questionário, considerando a movimentação destes profissionais entre as unidades de ensino.

O universo da pesquisa, portanto, foi censitário. No total 110 professores responderam ao questionário, e não se fez distinção entre docentes no exercício do magistério e docentes no exercício de cargos administrativos, bem como não se distinguiu professores específicos para cada campo do saber. A opção justifica-se na compreensão de que a educação patrimonial constitui-se enquanto atividade interdisciplinar, conforme discutido por SANTOS (2007), e fundamental para o desenvolvimento da cidadania cultural, configurando-se, portanto, como um tema transversal.

É importante informar que o município dispõe de escolas que abrangem a educação infantil e a educação fundamental até o 5º ano, sendo que os anos finais do ensino fundamental são oferecidos pela rede estadual de ensino. Esta realidade serviu como elemento motivador para a escolha deste universo em detrimento dos professores do ensino médio ou de disciplinas específicas do campo das humanidades. Isto porque, se “o patrimônio cultural e o meio ambiente histórico em que se insere proporcionam a oportunidade de experienciar sentimentos de descoberta, surpresa, e curiosidade” (GRUNBERG, 2008, p. 39); e considerando ainda que “os monumentos e objetos do patrimônio cultural possibilitam às crianças (...) uma experiência concreta, não verbal (e, por isso, acessível a todos) que lhes permite evocar e explicar o passado de que são herdeiros” (HORTA, 2008, p. 16), é na educação infantil e no ensino fundamental que a educação patrimonial pode contribuir de modo mais efetivo com a construção da cidadania cultural e com a sensibilização em relação ao patrimônio cultural local.

Foram elaboradas questões fechadas, exceto aquelas que solicitam a indicação de pontos históricos, do patrimônio cultural e do patrimônio paisagístico. A pesquisa foi organizada em questões que procuraram identificar o universo dos educadores pesquisados, sua relação com o patrimônio cultural local, se já desenvolvem o tema com seus alunos, qual a representação social do patrimônio histórico e cultural que fazem e o interesse que apresentam em relação ao tema.

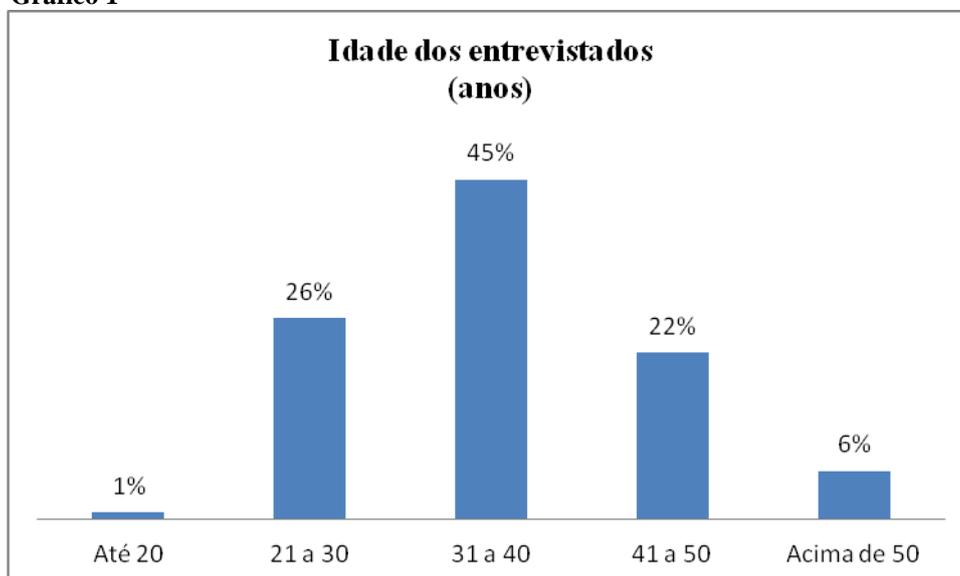
Não se solicitou a identificação do professor, tampouco do estabelecimento de ensino, de modo a garantir tranquilidade para participar da pesquisa e liberdade para responder ao questionário.

Apresentação e análise dos resultados

As primeiras questões dizem respeito ao universo do entrevistado. Foram questionados aspectos como: idade, área de atuação, se natural e se residente em Garopaba e como avalia seu nível de conhecimento a respeito da história do município.

Considerando a faixa etária do universo pesquisado (Gráfico 1), constatou-se que a maior parte dos professores da rede municipal de Garopaba (45%) possui entre 31 e 40 anos, seguidos dos professores com idade entre 21 e 30 anos (26%) e dos professores com idade entre 41 e 50 anos (22%). Apenas 7% dos professores possuem idade abaixo dos 21 anos ou superior aos 50 anos.

Gráfico 1



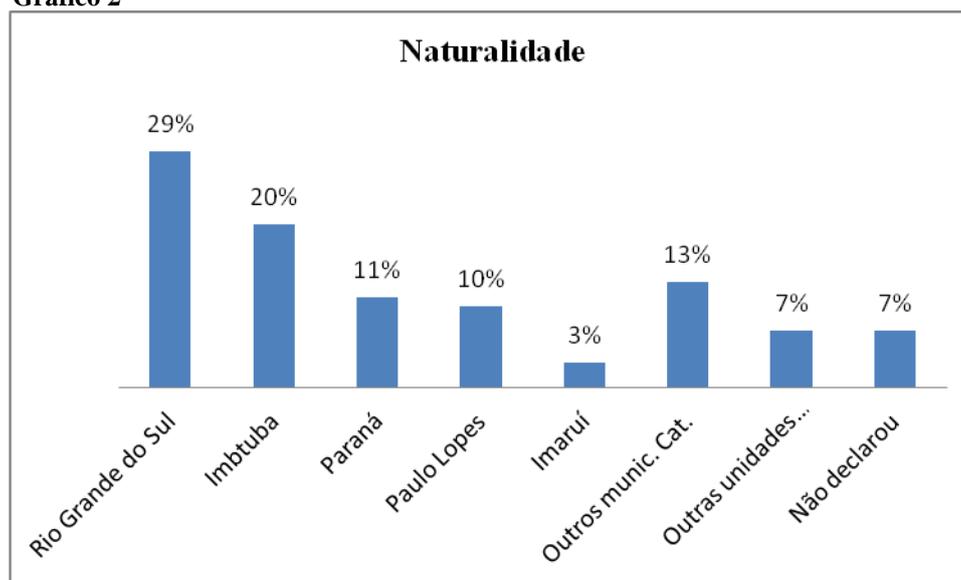
Do total de professores pesquisados, apenas 34% é natural de Garopaba, enquanto que 66% é natural de outros municípios catarinenses ou de outras unidades federativas (Tabela 1). Também se inquiriu qual naturalidade dos professores não nascidos em Garopaba (Gráfico 2). Os resultados foram organizados em estados federativos e em municípios limítrofes. É importante ressaltar a existência de bairros distantes do centro administrativo de Garopaba, cujos acessos atravessam outros municípios, como é o caso do bairro Gamboa e do Canto da Penha, cujos moradores relacionam-se principalmente com o município de Paulo Lopes. Estas localidades constituíram identidades próprias, e alguns professores das escolas inseridas nestes bairros acrescentaram, em nota de margem ao questionário, que trabalhavam conteúdos de história local com seus alunos com a ressalva “da comunidade”.

Dentre aqueles que não são naturais de Garopaba, o maior grupo provém do Rio Grande do Sul (29%). O número chama a atenção porque supera o de municípios vizinhos como Imbituba (20%) e Paulo Lopes (10%), bem como da totalidade dos demais municípios catarinenses (13%), e corrobora a informação de que uma parcela bastante significativa da população do município origina-se da migração de pessoas do Rio Grande do Sul ocorrida nas últimas décadas.

Tabela 1

NATURAL DE GAROPABA?							
SIM				NÃO			
34%				66%			
COMO VOCÊ AVALIA SEU CONHECIMENTO SOBRE A HISTÓRIA DE GAROPABA?							
Não conhece	Conhece pouco	Conhece bem	Conhece muito bem	Não conhece	Conhece pouco	Conhece bem	Conhece muito bem
0%	27%	68%	5%	9%	58%	28%	5%
EM RELAÇÃO AO TOTAL							
Não conhece		Conhece pouco		Conhece bem		Conhece muito bem	
5%		48%		42%		5%	

Gráfico 2



Quando perguntado como o entrevistado avalia seu conhecimento a respeito da história de Garopaba (Tabela 1), a maior parte da totalidade (48%) respondeu que conhece

pouco, 42% responderam que conhecem bem e apenas 5% responderam que conhecem muito bem, o mesmo percentual daqueles que responderam que não conhecem a história do município. Quando separados os grupos daqueles que são naturais do município dos não naturais, observa-se que o nível de conhecimento a respeito da história local é maior entre os naturais. Enquanto 68% dos naturais responderam conhecer bem a história do município, apenas 28% dos não naturais responderam da mesma maneira. Em ambos os grupos entretanto, o índice dos professores que manifestaram conhecer muito bem a história local é baixo, apenas 5% para os dois grupos.

Tabela 2

O TRABALHO DE ASPECTOS DA HISTÓRIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE GAROPABA SEGUNDO A ÁREA DE ATUAÇÃO					
Área de atuação					
Educação Infantil		1º ao 5º ano		Outro (atividades administrativas)	
24%		66%		10%	
Trabalha aspectos da história e do patrimônio cultural de Garopaba com seus alunos?					
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
44%	56%	64%	36%	82%	18%
No caso de ter respondido NÃO, gostaria de trabalhar aspectos da história e do patrimônio cultural de Garopaba com seus alunos?					
SIM	NÃO	SIM	NÃO	SIM	NÃO
100%	0%	97%	3%	100%	0%

A pesquisa apurou que a maior parte dos professores da rede municipal de ensino de Garopaba (66%) atua do 1º ao 5º ano (Tabela 2), enquanto que 24% atuam na educação infantil e 10% em atividades administrativas (direção, coordenação pedagógica etc.). O percentual daqueles que afirmam trabalhar aspectos da história e do patrimônio cultural de Garopaba com seus alunos é bastante significativo: 44% na educação infantil e 66% do 1º ao 5º ano. Chama a atenção o percentual de educadores envolvidos em atividades administrativas que afirmam trabalhar aspectos da história e do patrimônio cultural com seus alunos: 82%.

O questionário não verificou qual o tipo de trabalho desenvolvido pelos educadores, nem a frequência com que este trabalho acontece. Se confrontados os números da Tabela 2 com os números da Tabela 1, onde 48% do total do universo da pesquisa alegam conhecer

pouco da história local, e 5% afirmam não conhecer a história local, totalizando 52%, é possível inferir que o trabalho desenvolvido pode carecer de verticalidade. Importante ressaltar também que a quase totalidade dos educadores que afirmam não trabalhar aspectos da história e do patrimônio cultural de Garopaba gostaria de fazê-lo (Tabela 2).

Outro dado importante neste sentido refere-se à disponibilidade de materiais que discutam o patrimônio cultural de Garopaba. Quando questionados se tinham dificuldades em encontrar estes materiais (Gráfico 3), a grande maioria (79%) respondeu que encontra esta dificuldade. Também quando perguntando se gostaria de participar de um curso de educação patrimonial (Gráfico 4), 90% da totalidade dos educadores respondeu que sim.

Gráfico 3

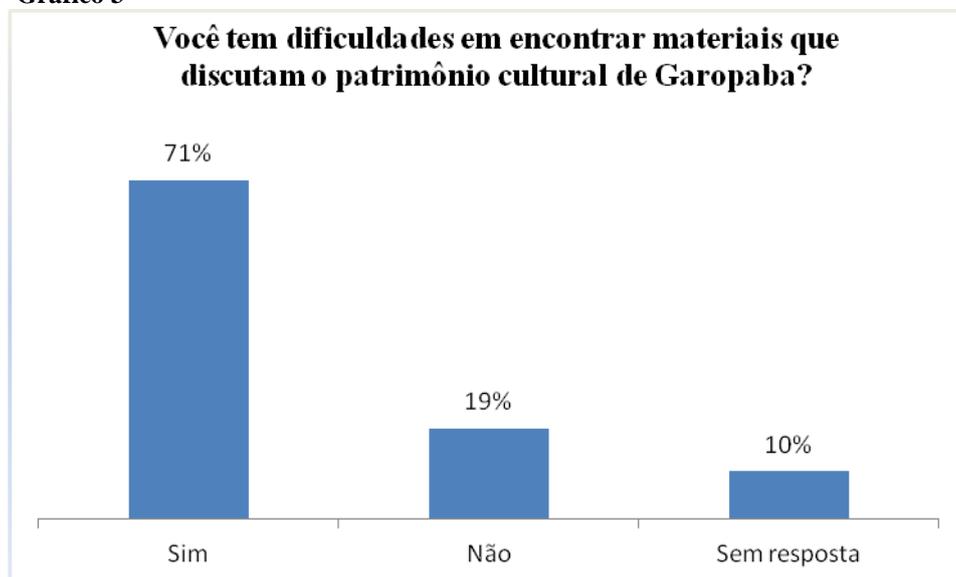
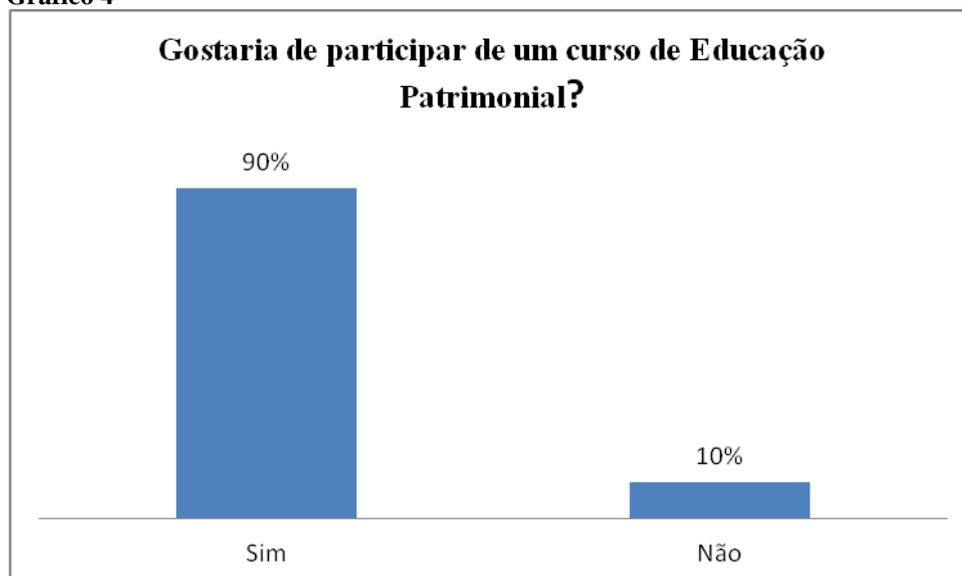


Gráfico 4



As respostas às duas questões representadas nos gráficos acima apontam o interesse dos educadores em atividades de formação e aperfeiçoamento em educação patrimonial, bem como a necessidade de se produzir e distribuir materiais de apoio pedagógico relacionados ao patrimônio cultural da cidade.

Dentre as questões incluídas na pesquisa, três referem-se a aspectos específicos do patrimônio cultural de Garopaba. Duas delas referentes às comunidades quilombolas existentes no município, e outra referente aos vestígios arqueológicos/pré-históricos existentes em Garopaba. Optou-se, no questionário, pelo termo pré-histórico em detrimento a pré-colonial ou pré-literário por se tratar de termo mais usual entre os educadores, apesar de questionável.

A presença de afrodescendentes em Garopaba remonta ao século XVIII, quando foi construída a armação baleeira em 1793, em torno da qual se organizou a freguesia que deu origem ao município. A esta armação envia-se a força de trabalho escrava de origem africana, que representa parcela significativa da população da freguesia de Garopaba no século XIX, conforme BESEN (1996). Ainda hoje a presença de afrodescendentes é bastante significativa no município, existindo nos limites do município dois quilombos reconhecidos pela Fundação Cultural Palmares: Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato e Quilombo Aldeia.

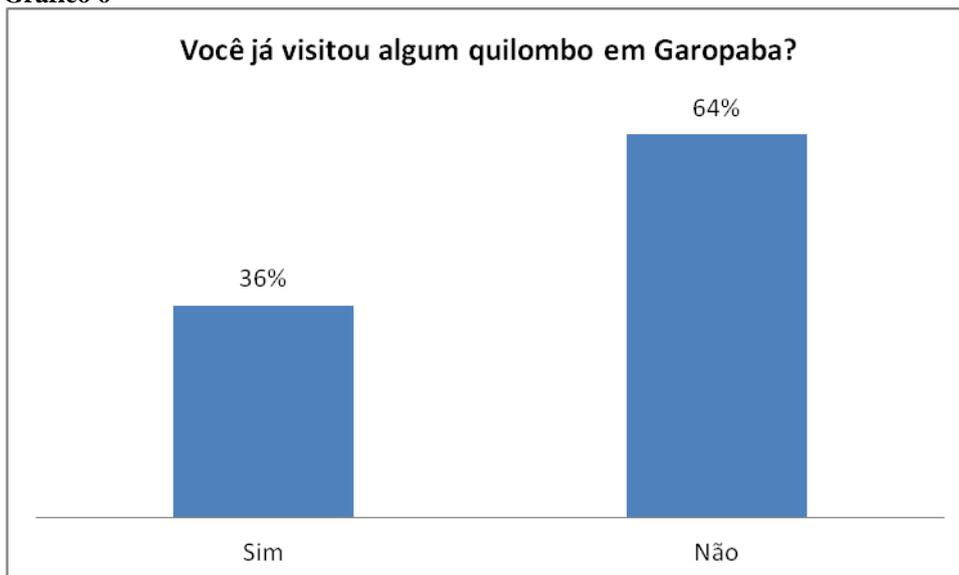
Os afrodescendentes têm significativa importância na organização da paisagem social, econômica e cultural de Garopaba, e as comunidades quilombolas remanescentes aportam bens simbólicos e materiais que enriquecem o patrimônio histórico e cultural do município. Por isso, buscou-se verificar junto aos educadores da rede municipal se estes conhecem a história destas comunidades quilombolas e se já estiveram algum destes quilombos.

Gráfico 5



O índice de professores que afirma desconhecer a história das comunidades quilombolas (Gráfico 5) é de 61%, e o número de professores que afirma nunca ter visitado um quilombo de Garopaba (Gráfico 6) é ainda maior, 64%. O número indica o pequeno conhecimento da história dos afrodescendentes em Garopaba por parte do universo pesquisado, bem como sugere a necessidade de que as atividades de educação patrimonial a serem desenvolvidas na formação de multiplicadores (educadores) considere a história e a organização cultural da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato e do Quilombo Aldeia.

Gráfico 6



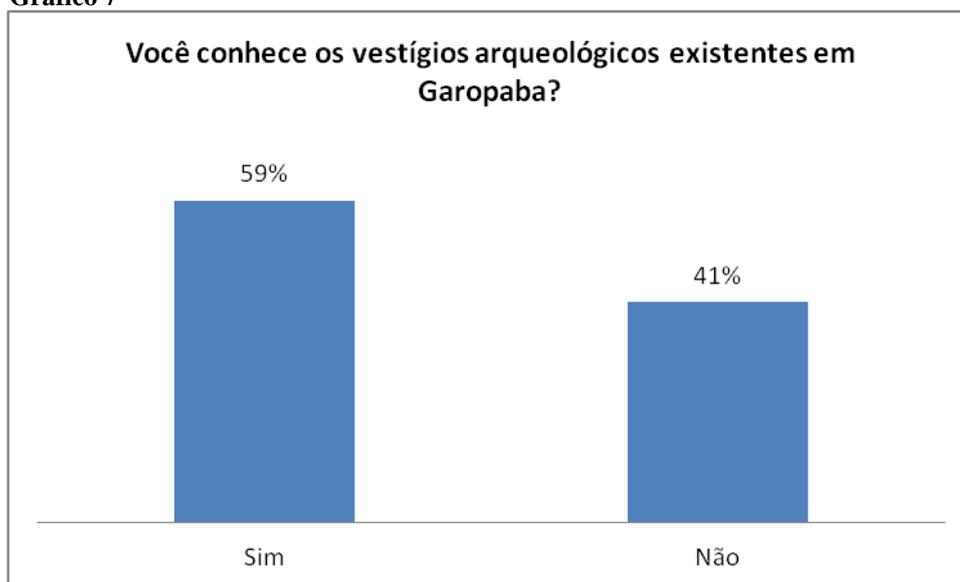
O município de Garopaba apresenta também uma grande quantidade de vestígios arqueológicos das populações pré-coloniais que povoaram a região. No Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA/IPHAN) estão registrados cinco sítios arqueológicos, dos quais um apresenta média relevância e dois deles alta relevância. Há também uma diversidade de tipos de sítios no município: sambaquis, oficinas líticas, sítios ceramistas e um sítio com inscrições rupestres.

Além destes cinco sítios registrados junto ao CNSA/IPHAN, há uma grande variedade de vestígios arqueológicos pré-coloniais das culturas sambaqueira, itararé e carijó distribuídas pelo território. É muito comum os moradores da região encontrarem objetos líticos e sepultamentos quando aram a terra ou cavam o solo para construir os fundamentos das casas.

Atualmente não há qualquer trabalho de proteção dos sítios arqueológicos, que estão expostos ao intemperismo, ao turismo desordenado, à expansão urbana e às ações de vândalos, conforme já apontamos em outro trabalho (COSTA, 2014).

Quando questionado se conhece os vestígios arqueológicos/pré-históricos existentes em Garopaba (Gráfico 7), 59% do universo pesquisado indicou que sim. Ainda que o índice indique a maioria dos professores, é alto o número que desconhece estes vestígios arqueológicos (41%), principalmente se consideramos o fato de que alguns destes sítios, como as oficinas líticas da praia da Vigia e da Barra, estão localizadas em áreas de fácil acesso e em locais de grande circulação de pessoas.

Gráfico 7



Os gráficos 8, 9 e 10 indicam o reconhecimento do patrimônio cultural por parte dos professores da rede municipal de ensino. O questionário solicitou que fossem: a) indicados cinco pontos históricos de Garopaba (Gráfico 8); b) cinco principais exemplos do patrimônio cultural de Garopaba (Gráfico 9); e c) cinco principais exemplos de patrimônio paisagístico. Considerando as respostas foi possível perceber que houve maior facilidade para indicar os pontos históricos, em detrimento das questões b e c. Dos 110 questionários preenchidos, 12 apresentam nenhum ponto histórico indicado, 34 apresentam nenhum exemplo de patrimônio cultural e 35 apresentam nenhum exemplo de patrimônio paisagístico.

De modo geral, observou-se que os professores apresentaram pontos históricos consagrados no discurso turístico da cidade, sendo que a Igreja Matriz de São Joaquim de Garopaba aparece como o principal ponto histórico e também o principal exemplo de patrimônio paisagístico. Também os sítios e vestígios arqueológicos aparecem dentre os principais exemplos indicados nas três questões. No que diz respeito ao patrimônio cultural, festividades e fenômenos relacionados à religiosidade têm destaque. Chama atenção, entretanto, as poucas indicações relacionadas à arquitetura açoriana e a quase inexistência de indicações relacionadas às atividades pesqueiras tradicionais (vilas de pescadores, barracões de pesca, canoas baleeiras, pesca da tainha etc.). Cabe lembrar que Garopaba surgiu e desenvolveu-se como uma vila de pescadores. Do mesmo modo, referências à cultura dos afrodescendentes e aos dois quilombos são escassos. Quanto ao patrimônio paisagístico, nota-se a dificuldade dos educadores indicarem paisagens específicas, apontando locais genéricos (praias, dunas, cachoeiras etc).

Gráfico 8: Principais pontos históricos de Garopaba

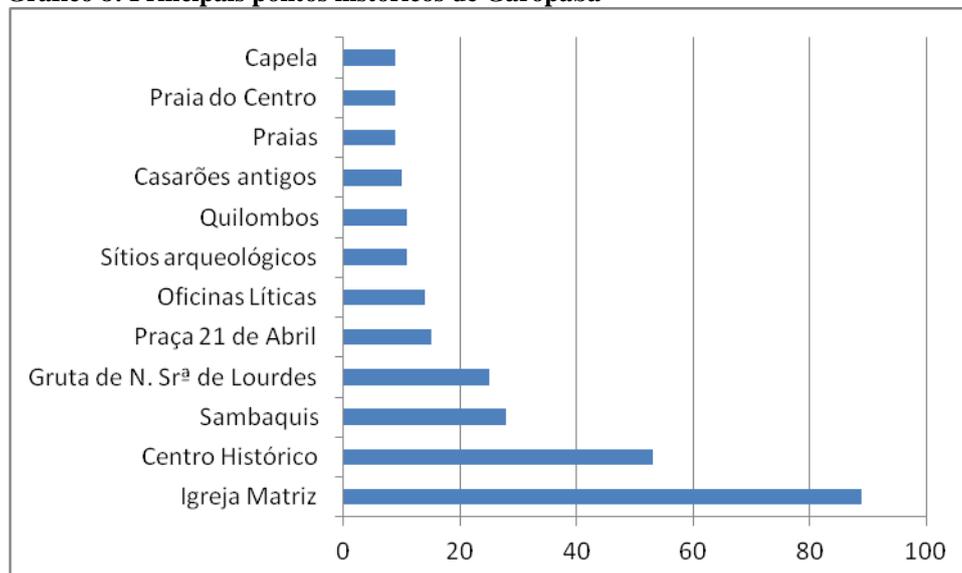


Gráfico 9: Principais exemplos do patrimônio cultural de Garopaba

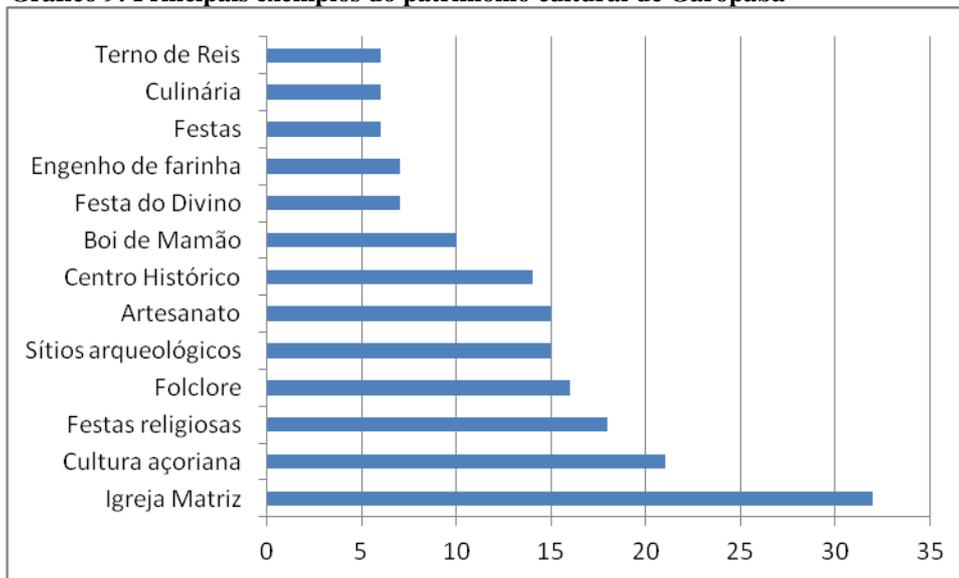
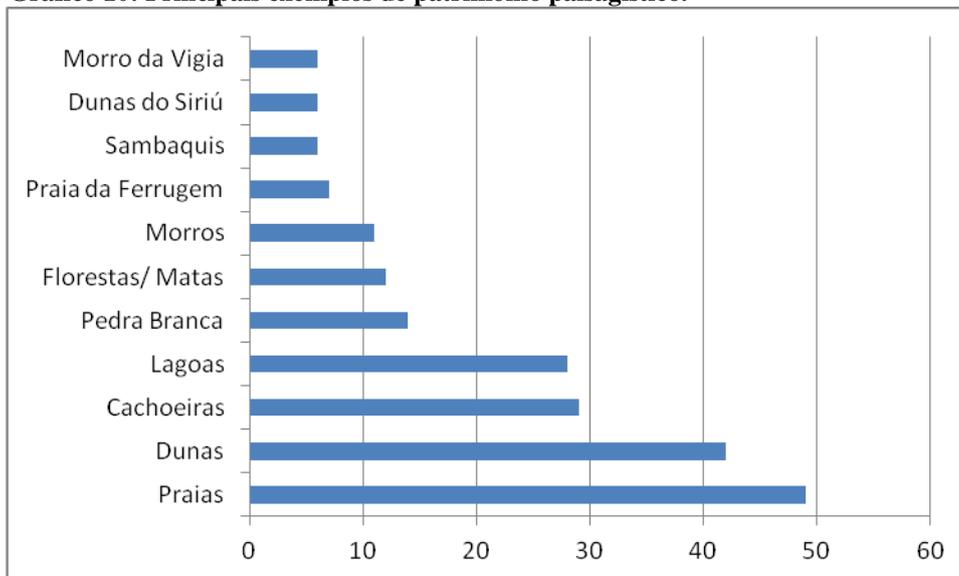


Gráfico 10: Principais exemplos de patrimônio paisagístico.



No total foram indicados 67 pontos históricos, 61 exemplos de patrimônio cultural e 56 exemplos de patrimônio paisagístico. Os gráficos aqui publicados apresentam apenas os exemplos com o maior número de indicações.

Considerações finais

A pesquisa apontou a necessidade de se desenvolver atividades e programas de educação patrimonial com os educadores da rede municipal de ensino de Garopaba, bem como atestou o interesse destes educadores neste tipo de atividade. São estes educadores os agentes mais próximos das crianças e, portanto, com maiores possibilidades de promover a

alfabetização cultural por meio da educação patrimonial e, assim, contribuir com o processo de construção da cidadania cultural através do reconhecimento e da preservação do patrimônio cultural local.

Ficou demonstrada a dificuldade dos educadores apontarem exemplos de patrimônio cultural e paisagístico locais, assim como o baixo nível de reconhecimento da contribuição e da permanência das culturas dos afrodescendentes e dos pescadores tradicionais na conformação histórico/identitária de Garopaba, bem como de outros grupos, como surfistas e hippies, tão significativos na construção da paisagem social de Garopaba a partir da década de 1980, sendo que as principais referências patrimoniais estão relacionadas ao catolicismo. Seria importante que trabalhos de educação patrimonial com os educadores da rede municipal considerem estas questões, e insiram estas manifestações em suas propostas de trabalho.

Esta dificuldade observada no parágrafo anterior pode estar relacionada ao grande número de professores provindos de outras regiões do país, bem como à carência de materiais que discutam a história e o patrimônio cultural local e à falta de políticas públicas no âmbito do município que incentivem o conhecimento e a valorização do seu patrimônio cultural.

Referências

BARRETO, Margarita. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. Campinas (SP): Papyrus, 2007.

BASTOS, Rossano Lopes. **Preservação, arqueologia e representações sociais: uma proposta de arqueologia social para o Brasil**. Erechim (RS): Habilis, 2007.

BESEN, José Artulino. **São Joaquim de Garopaba: recordações da freguesia (1830-1980)**. 2ª ed. Passo Fundo (RS): Gráfica e Editora Pe. Berthier, 1996.

BITENCOURT, Fernando. **Armações baleeiras: da Costa Basca a Garopaba**. Garopaba (SC): Edição do Autor, 2005.

COSTA, Viegas Fernandes da. A vandalização do patrimônio arqueológico de Santa Catarina. **Expressão Universitária**, p. 5, Blumenau, julho/2014.

FARIAS, Deisi Scunderlick Eloy de; LUZ, Elaine Coelho da; NEU, Márcia Fernandes Rosa. **Uma aventura pela história e geografia de Garopaba**. Palhoça (SC): Unisul, 2011.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GRUNBERG, Evelina. Educação patrimonial: trajetórias. In. BARRETO, Euder Arrais et. al. (orgs.). **Patrimônio Cultural: artigos e resultados**. Goiânia: UFG, 2008, p. 37-41.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiros. Educação Patrimonial. In. BARRETO, Euder Arrais et. al. (orgs.). **Patrimônio Cultural**: artigos e resultados. Goiânia: UFG, 2008, p. 15-21.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

SANTOS, Camila Henrique. Educação Patrimonial: uma ação institucional e educacional. In: IPHAN. **Patrimônio**: práticas e reflexões. v 1. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007, p. 147-172.

SPEROTTO, Fabiano. A contribuição do surf para a conservação ambiental no município de Garopaba – SC. **Revista da Graduação**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 1-6, 2011.

VALENTIM, Manoel. **História de Garopaba**: da armação baleeira a comarca. Garopaba (SC): Edição do autor, 2007.